

INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ

Curso de Licenciatura Plena em Filosofia

Wilson Pinto dos Santos Junior

A COMPREENSÃO DA PESSOA HUMANA EM EMMANUEL MOUNIER

Teresina
2015

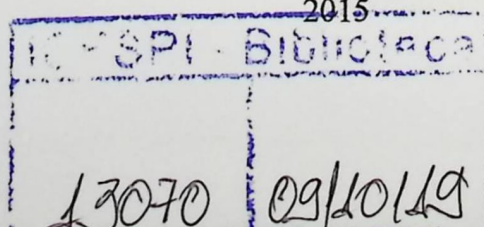
WILSON PINTO DOS SANTOS JUNIOR

A COMPREENSÃO DA PESSOA HUMANA EM EMMANUEL MOUNIER

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Filosofia pelo Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí, sob a orientação do Prof. Dr. Pe. Wellistony Carvalho Viana.

Teresina

2015



cod. 5812
100
5237e
Ex. 01

WILSON PINTO DOS SANTOS JUNIOR

A COMPREENSÃO DA PESSOA HUMANA EM EMMANUEL MOUNIER

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Filosofia, no Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí, sob a orientação do Prof. Dr. Pe. Wellistony Carvalho Viana.

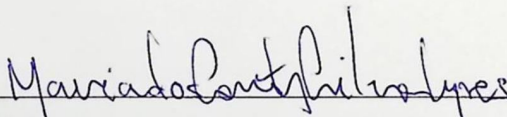
Aprovado em 04 / 12 / 2015

Banca examinadora



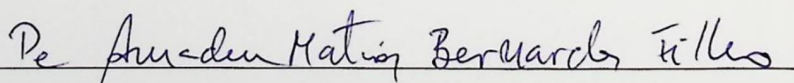
Prof. Dr. Pe. Wellistony Carvalho Viana (ICESPI)

Orientador



Profa. Ms. Maria dos Santos Silva Lopes (ICESPI)

Examinadora



Prof. Ms. Pe. Amadeu Matias Bernardes Filho (UFPI)

Examinador

AGRADECIMENTOS

Agradecer é o gesto mais simples de valorizar e reconhecer o apoio de uma pessoa para com o nosso bem, seja ela um amigo, um familiar ou um desconhecido. Por isso, gostaria de agradecer, não somente a uma única pessoa, mas a várias, pois foi com a ajuda das mesmas que pude, apesar das inúmeras dificuldades, desenvolver e concretizar este trabalho. Início o meu agradecimento ao querido e bom Deus, autor e princípio de todo saber, que cuidou de mim e me iluminou na construção deste trabalho monográfico; aos meus queridos e amados pais: Elizabete Guimarães dos Santos e Wilson Pintos dos Santos, em memória, e a todos os meus familiares que com a sua oração, sempre me apoiaram e me motivaram para que chegasse ao término deste trabalho; a Arquidiocese de Teresina, especialmente, na pessoa de sua Excelência Reverendíssima Dom Jacinto Furtado de Brito Sobrinho, arcebispo da mesma, pelo seu significativo investimento e confiança na minha formação; aos senhores formadores do Seminário Interdiocesano “Sagrado Coração de Jesus”, pertencente à província eclesiástica do Piauí, especialmente o Padre Wellistony C. Viana, meu orientador e reitor deste seminário, e o Padre Aerton Marcos da Conceição, vice-reitor e meu acompanhador vocacional, bem como aos meus amigos e pais espirituais: Padre Gonçalo Teixeira, Padre Jailton Pinheiro e Padre Carlos Larges; aos diletos colegas de turma, como também, a outros colegas das demais turmas, os seminaristas: Antônio Rômulo, Igor Tores, Welson Barbosa, Yago, Luiz Paulo e Marcos Vinícius; e as professoras Elenir e Irmã Santinha. A todos eles: o meu eterno e muito obrigado.

O Personalismo é um realismo integral porque 'capta todos os problemas humanos em toda a amplitude da humanidade concreta, da mais humilde condição material à mais alta possibilidade espiritual.

(Candide Moix)

RESUMO

O Personalismo é uma corrente filosófica presente na filosofia contemporânea, antes de tudo, porque apresenta como principal objeto de estudo a pessoa humana. Para tanto seria oportuno estudar um de seus maiores representantes, Emmanuel Mounier, considerado um dos pais-fundadores do personalismo do século XX, o qual inspirou a pesquisa e a produção deste trabalho, que, por sua vez, se desenvolveu na seguinte questão: como Mounier compreende a dignidade da pessoa humana? Portanto, possui como principal objetivo apresentar a importância do pensamento personalista de Emmanuel Mounier para uma maior compreensão da dignidade da pessoa humana. O Personalismo é subdividido em três seguimentos, a saber: teológico, que identifica Deus como ser criador do mundo; metafísico, por meio do qual se compreende que o mundo é formado por uma soma de espíritos finitos; e o espiritualismo, que destaca a valorização integral da pessoa e de suas relações com as outras pessoas, não perdendo, por estas, a sua singularidade. O instrumento fundamental do qual Emmanuel Mounier mais se utilizou para apresentar e praticar o seu compromisso intelectual e moral foram: a revista 'Esprit' e um movimento de amigos ligado a ela. A crise descrita por Mounier é a do século XIX, desencadeada seja pela experiência dos erros do individualismo defendido por Kierkegaard, seja pelos excessos do coletivismo de tom marxista. O interesse de Mounier não era meramente teórico (isto é, abstratamente filosófico), mas o interesse prático de um pesquisador que desejava encontrar um caminho de saída para a crise que se adensava sobre o mundo e salvar a dignidade e a liberdade da pessoa humana. Assim, por meio deste trabalho foi possível também concluir que o personalismo mounieriano não é um mero sistema filosófico, mas um processo pelo qual o ser humano encontra o seu próprio EU, descobre que não é só matéria, mas também é espírito. Pode-se dizer, por isso, que o personalismo defendido por Mounier apresenta um novo olhar para a pessoa humana, o que possibilitou uma nova reflexão sobre a mesma, isto é, compreender melhor o que é a pessoa humana e de como é importante a sua personalização para o seu crescimento enquanto pessoa, que é ao mesmo tempo indivíduo e social. Destarte, a redação deste trabalho monográfico seguiu todas as etapas previstas para a realização desse tipo de trabalho, conforme as regras da ABNT e as regras para a elaboração de trabalhos acadêmicos elaborados e homologados pelo ICESPI, isto é, as etapas da produção científica a partir de pesquisa bibliográfica.

Palavras-Chave: Emmanuel Mounier. Personalismo. Pessoa. Dignidade.

ABSTRACT

The personalism is a philosophical current present in the contemporary philosophical discussion, first of all, because it has the human person as its main object of study. Therefore, it would be very timely study one of its greatest representatives, Emmanuel Mounier, one of the personalists founding the twentieth century, which inspired the research and production of this work, which, in turn, has developed the following question: how Mounier understands the dignity of the human person? Having, therefore, as its main objective: to present the importance of personalist thinking of Emmanuel Mounier for a greater understanding of human dignity. The personalism is subdivided into three segments, namely: theological, which identifies God as being creator of the world; metaphysical, whereby it is understood that the world is formed by a sum of finite spirits; and spiritualism, which highlights the involvement of the person and their relationships with other people, not losing, by them, their uniqueness. The key tool which was more used for Emmanuel Mounier to present and practice their intellectual and moral commitment was: the magazine 'Esprit' and a friends group connected to it. The crisis described by Mounier is the nineteenth century, triggered by the experience of individualism's errors advocated by Kierkegaard and through the excesses of collectivism of Marxist tone. The Mounier's Interest was not merely theoretical (ie abstract philosophical), but the practical interest of a researcher who wanted finding a way out of the crisis that deepened over the world and save the dignity and freedom of the human person. Thus, through this work it was possible to conclude that the personalism of mounieriano is not merely a philosophical system, but a process by which the human being finds its own I, discovers that is not only matter, but also spirit. It can be said, therefore, that personalism defended by Mounier, presents a fresh look at the human person, which allowed new thinking about it, that is, to understand better what is the human person and of how important it is its customization for your growth as a person, that is both individual and social. Thus the writing of this monograph is according all the steps necessary for the implementation of this type of work, according to the rules of ABNT and the rules for the preparatory work drawn up and approved by the ICESPI, ie the steps of the scientific production from bibliographical research.

Keywords: Emmanuel Mounier. Personalism. People. Dignity.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 APRESENTAÇÃO GERAL DO PERSONALISMO	12
2.1 Biografia de Emmanuel Mounier.....	14
2.2 A construção da revista “Esprit”	18
3 O PERSONALISMO MOUNIERIANO	21
3.1 A existência incorporada.....	23
3.2 A comunicação	26
4 CONTRIBUTOS DO PERSONALISMO DE MOUNIER.....	30
4.1 A contribuição do personalismo mounieriano para o cristianismo	33
4.2 A educação pela visão personalista	37
5 CONCLUSÃO.....	39
REFERÊNCIAS.....	41

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, é possível observar a explosão de grandes pensamentos contrários à dignidade da pessoa humana e ao bem social entre os homens. Essas concepções, por conseguinte, são uma tentativa de algumas pessoas ou grupos econômicos de fragilizar a compreensão da pessoa de sua própria dignidade, principalmente os mais pobres para, com isso, se beneficiarem de alguma forma, porque o ser humano sem uma identidade clara de si mesmo é um alvo fácil das mentiras e fácil de ser conduzido pelos interesses particulares de outros.

Um exemplo disso seria a relativização da fé que leva o homem ao abandono de Deus e de sua prática religiosa e, assim, seus valores; outro exemplo é o egocentrismo e o individualismo que levam o homem a se esquecer dos seus semelhantes, ou melhor, da importância da pessoa do outro na sua vida, gerando, assim, pessoas interesseiras e desumanas que, no fundo, são carentes de afeto.

No entanto, sabe-se que o personalismo, defendido pelo filósofo francês Emmanuel Mounier, é uma das teorias que mais se preocupou pela defesa da valorização e da promoção integral da pessoa humana, do qual é apresentado por Mounier como “personalização”. Não obstante, reconhece-se, todavia, que o personalismo mounieriano obteve uma repercussão expressiva em muitos setores da sociedade, mas principalmente no campo político e eclesial. Por isso, acreditando na importância e na relevância do personalismo de Mounier, se buscou descobrir e apresentar a sua compreensão sobre a pessoa humana, defendido no seu personalismo.

Contudo, pretende-se com este trabalho responder a seguinte questão: como Mounier compreendia a dignidade da pessoa humana? Para chegar à melhor resposta para esta questão, este trabalho seguiu os seguintes objetivos: a) apresentar a importância do pensamento personalista de Emmanuel Mounier para uma maior compreensão da dignidade da pessoa humana; b) fazer uma apresentação geral do personalismo; c) caracterizar o personalismo de Emmanuel Mounier; d) definir o que Emmanuel Mounier entende por Universo pessoal e e) indicar a atualidade do pensamento personalista de Mounier. Assim, através de um estudo sistemático e responsável, foi possível elaborar três capítulos tendo cada um seu respectivo objeto de pesquisa.

No primeiro dá-se uma apresentação do personalismo de modo geral, isto é, descreve sobre como e quem foram os primeiros a falarem sobre a temática; fala-se, em seguida, sobre a biografia de Emmanuel Mounier, por meio da qual se conhecerá melhor o autor pesquisado;

e se apresenta como se deu e qual a importância da revista *Esprit* para a divulgação do pensamento mounieriano.

O segundo capítulo fala sobre o modo como o personalismo mounieriano defende a promoção da dignidade da pessoa humana e, ao mesmo tempo, como este pode ajudar na compreensão da importância dessa ação, apresentando especificamente sobre a existência incorporada, defendida por Mounier, e a comunicação, isto é, o homem que se preocupa com o outro e precisa do outro para desenvolver a sua personalidade.

E por último, no terceiro capítulo, descrevem-se os contributos do personalismo para a sociedade atual, além da sua colaboração para a atualização da compreensão cristã sobre o homem e a sua reflexão sobre a educação, as quais são o exemplo concreto do engajamento ou ação, que está diretamente ligada a ideias de comunicação, descrito no capítulo anterior.

O processo de construção deste trabalho deu-se dessa maneira porque não é possível entender o tema central de um pensamento sem antes conhecer e compreender a história de vida de seu autor. Não obstante, a redação desta monografia seguiu todas as etapas previstas para a realização desse tipo de trabalho, conforme as regras da ABNT e as regras para a elaboração de trabalhos elaborada e homologadas pelo ICESPI, isto é, as etapas da produção científica a partir de pesquisa bibliográfica. Considerando os seguintes passos metodológicos: reunião das obras acessíveis que retratam o tema, leitura dos textos, fichamento do conteúdo e referências significativas que puderam ser utilizadas e, por fim, a redação e revisão do trabalho.

Não obstante, a literatura utilizada neste trabalho teve como fonte primeira a obra do próprio filósofo estudado, a saber: *O Personalismo*; acompanhada respectivamente de seus principais comentadores, tais como: Antônio Joaquim Severino e Candide Moix, seguindo o procedimento crítico e reflexivo, através do qual o tema abordado também teve as contribuições do próprio pesquisador diante dos problemas levantados, lançando luzes sobre os mesmos.

Por último, na conclusão, faz-se uma retomada sintética de todo o trabalho para que se pudesse emitir a seguinte conclusão: entende-se que a contribuição e, simultaneamente, um dos objetivos principais de toda a filosofia de Mounier se traduz no seu esforço humano para humanizar a humanidade. O que se conseguirá através de um longo processo de personalização da pessoa humana, para o qual deverá se estudar ainda muito mais o seu pensamento.

2 APRESENTAÇÃO GERAL DO PERSONALISMO

O Personalismo é uma corrente filosófica da presente na discussão filosófica contemporânea, antes de tudo porque apresenta como principal objeto de estudo da própria pessoa humana (MONDIN, 1980, p. 290). Tema este tão importante para a sociedade, pois se trata de uma questão inata a todo o ser humano: saber melhor o que ele é. Não obstante, seria muito oportuno, por isso, estudar um dos maiores representantes desta corrente filosófica: Emmanuel Mounier, considerado um dos pais fundadores do Personalismo do século XX (ZUCAL, 2006, p. 611).

Neste capítulo, debruçar-se-á no estudo do conceito geral do que seja o Personalismo; de quando se iniciou o seu estudo; a biografia de Emmanuel Mounier e a importância histórica e filosófica da revista *Esprit*. A fim de compreender que Mounier não foi o primeiro filósofo a tratar sobre esse assunto, mas que o mesmo contribuiu significativamente para a reflexão filosófica desse tema, principalmente, por meio da revista “*Esprit*”, e de como fora importante, para a reflexão deste filósofo, a presença e o contato com a sua família e a sua religião.

Como já fora dito, para Mondin (1980, p. 290) o Personalismo é uma corrente filosófica que tem a pessoa como epicentro de suas reflexões; que, por sua vez, isto parece ser o mesmo entendimento de Córdon e Martínez (1995, p. 177), quando estes afirmam que o personalismo é a “atitude filosófica que reconhece a importância da pessoa, ou então como a atitude filosófica que considera a pessoa como princípio ontológico e, portanto, faz dela um princípio fundamental para a explicação da realidade”.

Não obstante, Abbagnano (2007, p. 882) acredita que o personalismo pode ser dividido de três maneiras, a saber: doutrina teológica, doutrina metafísica e doutrina ético-política, as quais são diferentes e, ao mesmo tempo, interligadas, assim ele afirma que:

Este termo foi e é usado para designar três doutrinas diferentes, mas interligadas. A primeira é doutrina teológica, que afirma a personalidade de Deus como causa criadora do mundo, em oposição ao panteísmo, que identifica Deus com o mundo. [...] A segunda é uma doutrina metafísica, segundo a qual o mundo é constituído por uma totalidade de espíritos finitos que, em seu conjunto, constituem uma ordem ideal, que em cada um deles conserva sua autonomia. [...] O Personalismo neste sentido, outra coisa não é senão um espiritualismo monadológico de cunho leibniziano-lotzista, e de fato o termo Personalismo designa nos Estados Unidos a doutrina que na Europa é chamada de espiritualismo. A terceira é uma doutrina ético-política que enfatiza o valor absoluto da pessoa e seus laços de solidariedade com as outras pessoas, em oposição ao coletivismo (que tende a ver na pessoa nada mais que uma unidade numérica), e ao individualismo (que tende a enfraquecer os laços de solidariedade entre as pessoas).

Com essa definição, observa-se que o Personalismo é subdividido em três segmentos, a saber: teológico, que identifica Deus como ser criador do mundo e, por isso, diferente de sua criação; metafísico, por meio do qual se compreende que o mundo é formado por uma soma de espíritos finitos, nos quais existe uma singularidade; e o ético-político que destaca a valorização integral da pessoa e de suas relações com as outras pessoas, não perdendo, por estas, a sua singularidade.

Contudo, sabe-se, segundo Córdon e Martínez (1995, p. 117), que a palavra Personalismo não é uma criação própria de Mounier, pois a mesma já fora utilizada, pela primeira vez, em meados do século passado por C. Renouvier, autor de uma obra intitulada *O Personalismo* (1903), de maneira sistemática, e logo depois tal expressão ganhou força por meio dos filósofos americanos M. W. Calkins e B. P. Bowne.

Destarte, Córdon e Martínez (1995, p. 177), seguindo um pouco a explicação de Abbagnano, também faz uma divisão do pensamento personalista, só que não ligado à questão do tema teórico estudado na mesma, mas pelos seus estudiosos, isto é, as correntes que se desenvolveram com o passar do tempo, como o personalismo americano e o personalismo europeu:

O personalismo americano mostra-se vinculado a posições filosóficas idealistas. Nalguns filósofos trata-se de um idealismo absoluto, de tipo hegeliano, em cujo caso seria possível falar de um personalismo absoluto: o princípio último explicativo da realidade é pessoal – mente e corpo [...]. Noutros casos, trata-se de um idealismo pluralista, cujo antecedente filosófico mais caracterizado é Leibniz com sua concepção monadológica da realidade: todo real é pessoal, o conjunto do real constitui uma sociedade pessoal, e o princípio pessoal supremo é Deus [...]. Diferentemente do americano, o personalismo europeu não se vincula em absoluto a posições filosóficas idealistas. [...] A sua inspiração última encontra-se na concepção cristã do homem, bem como no valor absoluto que o cristianismo reconhece e confere à pessoa humana.

Não obstante, segundo Córdon e Martínez (1995, p. 177), a corrente personalista europeia, especificamente a francesa, nasceu e desenvolveu-se ao redor da revista *Esprit*, a qual, segundo Mora (2001, p. 2021) “foi usada com o objetivo de difundir o pensamento personalista cristão na França, que tinha como um dos seus grandes expoentes Mounier e, sobretudo para tratar à luz desse pensamento de questões políticas, sociais e educativas que iam sucedendo-se na época”.

Conforme Zucal (2006, p. 612) a revista *Esprit* teve como primeiro título editorial a palavra de ordem “Refazer o Renascimento”, pois Mounier queria indicar, naquela época, a necessidade de voltarem às raízes da modernidade para que, assim, pudessem remediar os

erros que acompanharam o seu início, especialmente a ênfase que fora dada ao individualismo excessivo e uma tendência de compreensão antagônica do espiritual e do corporal.

No entanto, para se compreender melhor o pensamento de Emmanuel Mounier, é preciso conhecer também um pouco da sua história de vida, pois segundo Severino (1974, p. 19), Mounier “traz profundas marcas de sua história pessoal e das circunstâncias de todo tipo que viveu”, destarte “a influência da comunidade familiar sobre Mounier é simplesmente admirável, tendo encontrado, assim, na sua esposa, uma pessoa com quem podia comunicar-se plenamente”.

Por isso, antes de apresentar a reflexão ou a compreensão de Emmanuel Mounier, através do seu personalismo, sobre a pessoa humana, apresentar-se-á um pouco de sua história de vida para que se compreenda, assim, como ele desenvolveu o seu pensamento.

2.1 Biografia de Emmanuel Mounier

Emmanuel Mounier nasceu em Grenoble no dia 1º de abril de 1905 e faleceu no dia de 22 de março de 1950, entretanto, é Moix (1968, p. 3) quem descreve, muito bem, como se deu à infância e a adolescência de Mounier, favorecendo, por meio desta, descobrir o grande homem que ele foi:

Emmanuel Mounier nasceu em Grenoble no dia 1º de abril de 1905, de família de condição modesta. [...] É nos campos de Grenoble, tantas vezes descritos com frescor refinado, que Emmanuel Mounier viveu sua infância, cercado de seus pais, de seus avós e de Madalena, sua irmã mais velha. Calmo e pertinaz como são os montanhese, e cheio de ardor no trabalho. Um pouco lento, de início, pois tudo quer aprofundar, logo se faz notar pela sua vivacidade intelectual, atraindo a atenção e a simpatia dos seus mestres! [...] ‘Atrasado de um ano nos estudos por causa da saúde, era, no entanto, bem mais maduro que seus colegas, já irradiando aquele encanto que dele fazia um centro, uma chama pura e viva donde emanava uma irradiação de compreensão e amizade’. O Mounier adolescente, já então propenso à meditação, desabrocha numa atmosfera de felicidade.

Mounier, como se pode notar, foi uma criança que nasceu numa família simples, mas com um laço fraternal muito grande, o que lhe favoreceu a construção de uma base sólida para o seu desenvolvimento intelectual e humano, o que, com certeza, o levou também a desenvolver a sua grande preocupação para com as outras pessoas. Isso é o que ele próprio confirma, quando afirma que: “encontrar pessoas era tudo o que esperava da vida, e eu sentia que isto queria dizer: encontrar sofrimento (...) parecia-me não poder imaginar a alegria senão através da partilha do sofrimento” (MOUNIER apud, MOIX, 1968, p. 4).

No entanto, ainda segundo Moix (1968, p. 5), saindo da adolescência e já chegando à juventude, chega para Emmanuel Mounier o momento também muito importante, isto é, é disponibilizada para ele a possibilidade da escolha de seu futuro, ou seja, qual profissão ele iria seguir? Qual curso da Universidade ele iria cursar? Seus pais queriam que ele estudasse medicina, para que assim pudesse equilibrar a sua predisposição para a meditação, mas Mounier, após ter participado do seu primeiro retiro fechado, volta decidido sobre o curso o destino que iria seguir chegando ele mesmo a afirmar o seguinte: “meu retiro foi uma revolução — não da vida íntima que, graças a Deus a tive abundantemente em toda a minha adolescência, mas da verdadeira humildade que eu ignorava e da minha vocação da qual duvidava” (MOUNIER apud, MOIX, 1968, p. 5).

E assim, resolveu mudar de curso e “tendo seus pais aceitado sem dificuldades tal mudança de orientação nos seus estudos, Emmanuel seguirá pelo espaço de três anos o curso de filosofia de J. Chevalier, em Grenoble” (MOIX, 1968, p. 5). Não obstante, “cristão convicto, como era igualmente Chevalier, durante esses anos de estudos filosóficos, Mounier engaja-se num apostolado leigo entre estudantes, esclarecendo-os, sobretudo quanto à crise da ‘*Action Française*’ (Ação Francesa)” (SEVERINO, 1974, p. 3).

Contudo, Moix (1968, p. 5) apresenta como Emmanuel Mounier se desenvolveu durante esses três anos, como era marcante a sua fé e como foi importante para a sua vida intelectual a presença e o apoio de J. Chevalier, professor e filósofo católico que atuou em Paris na década de 20:

O apego de Mounier a este “espírito” eminentemente católico, ou seja, humano e universal não é algo passageiro. O primeiro artigo que ele escreve é consagrado a seu mestre. Nos momentos difíceis é a presença de J. Chevalier que o conforta. [...] É ele quem redige o curso sobre Bergson. [...] O que J. Chevalier se esforça por dar a Mounier, a quem prepara a ação, visando ao apostolado, é, em primeiro lugar, um método seguro, rigoroso. [...] A esta alma de “qualidade rara” ele comunicou o gosto de uma verdade não abstrata, mas em relação direta com a vida, concreta, profundamente humana. Por outro lado, lutou contra certos defeitos do seu aluno: falta de simplicidade, certo pendor para a sistematização, uma busca de fórmulas brilhantes. Todavia, não se pode fazer uma imagem deste aluno a receber passivamente a influência de seu mestre. Sua personalidade é já forte sob uma aparente maleabilidade.

Com o apoio de J. Chevalier, “Mounier durante os anos de 1926 e 1927, lê Descartes preparando uma dissertação para obtenção do Diploma de Estudos Superiores de Filosofia, cujo tema seria ‘O conflito do antropocentrismo e do teocentrismo na filosofia de Descartes’” (SEVERINO, 1974, p. 3) a qual a defende no dia 23 de junho de 1927.

Através de seu apostolado, participando, pois, da A. C. J. F (Associação Católica de Jovens Franceses) e da conferência de São Vicente de Paulo, segundo Moix (1968, p. 7), Mounier chega a conhecer o Pe. Guerry, que mais tarde se tornaria o arcebispo de Cambrai, mas que, na ocasião, era apenas o vigário de Saint Laurent, bairro muito pobre de Grenoble. O que lhe proporcionou a oportunidade de conhecer a realidade social daquele lugar, tendo, por isso contato direto com a miséria que se encontrava daquela região.

Não obstante, Severino (1974, p. 3) apresenta como se deu a vida profissional e intelectual de Mounier ao sair de Grenoble e ao chegar a Paris, entendendo-se que a partir de tal fato o seu deslocamento para esta cidade fora o ponto crucial para a sua reflexão filosófica sobre o andamento de sua carreira profissional:

Terminados seus estudos em Grenoble, Mounier, com vinte e dois anos de idade, parte em 1928, para Paris, onde iria tentar o curso oficial para o magistério. A Sorbonne era dominada não apenas por um idealismo abstrato como também por uma atmosfera artificial e desligada de todo contexto humano. No ambiente parisiense, Mounier conseguiu criar uma profunda amizade com Georges Barthélemy, seu único verdadeiro colega de então. Barthélemy morre em plena juventude, provocando em Mounier uma dolorosa dúvida e tristeza. [...] É aprovado no concurso, obtendo a segunda colocação logo depois de Raymond Aron. Recebe então uma bolsa de doutoramento de três anos. [...] Contudo, Mounier não se permeabiliza ao ambiente da Sorbonne. [...] Todavia, procura um assunto para sua tese, aconselhando-se com seus novos mestres e amigos de Paris. Pensa no pecado, na mística espanhola, responsabilidade e destino. Finalmente decide, sob influência de Henri Delacroix, fixar-se sobre o tema da personalidade. [...] No entanto, o problema da tese ficava de lado em vista da preparação de um trabalho sobre Péguy. [...] Mounier inicia-se simultaneamente no magistério: de 1931 a 1932, ensina filosofia em Sainte Marie de Neuilly e no Liceu de Saint Omer. [...] A redescoberta de Péguy e um maior amadurecimento diante da própria vocação, acabam levando Mounier a abandonar a carreira universitária.

Porquanto, como já fora dito, o criador da revista *Esprit* nunca gostou da filosofia que era desenvolvida na sua época, a qual só compreendia filosofia como algo sistemático e idealista, o que lhe fazia ser uma reflexão desconexa da realidade, ou seja, distante da realidade da pessoa humana.

E, por isso, o próprio Mounier (1964, p. 16) afirma que “nada lhe repugna tão profundamente como o gosto, [...] por aparelhagens de pensamento e ação funcionando como automáticos distribuidores de soluções e instruções”. Severino (1974, p.20) ratifica esse pensamento com a seguinte colocação: “nutrida deste combate e deste diálogo, uma filosofia poderá desenvolver-se, fruto de uma saber haurido nas próprias fontes da vida”.

Assim, segundo Severino (1974, p. 22) para entender a filosofia personalista mounieriana é preciso também ter uma nova compreensão do que seja filosofia, excluindo-se da mesma a exaustiva essencialidade de um rigor lógico-técnico típico do sistema, o que

envolve a sistematização. Para tanto, Severino (1974, p. 22) ao refletir um pensamento de Guissard continua a sua explicação afirmando que, atualmente, na visão dos pensadores contemporâneos, uma filosofia pode existir validamente mesmo sem uma arquitetura lógica exaustiva, pois ela manifesta-se seja pelo comportamento diante da vida que respira, seja pela visão do mundo capaz de esclarecer o homem sobre seu destino e sua situação.

Entretanto, embora Mounier critique o rigorismo da técnica filosófica, ele também se utiliza da mesma para poder desenvolver apresentar e desenvolver o seu pensamento, pois segundo ele (1964, p. 16):

O pensamento necessita de ordem: conceitos, lógica, esquemas unificantes, não servem apenas para fixar e comunicar um pensamento que sem eles se diluiria em intuições opacas e solitárias; servem também para perscrutar essas instituições em toda a sua profundidade; são simultaneamente instrumentos de descobertas e de exposição. Porque define estruturas, o personalismo é uma filosofia, e não um sistema.

Contudo, Richard (1978, p. 119) faz uma sucinta exposição de como Mounier entendia e do que se consistia o seu combate filosófico, isto é, de como a filosofia personalista cristão entendia o mundo e contra qual mal ela combatia:

O personalismo cristão apresenta-se primeiramente como sendo uma luta contra tudo o que fez do cristão um ser diminuído, receoso e dócil, um *castrado*. Tendo-se identificado com o rebanho passivo e obediente, deve transformar-se retomando gosto pelo esforço espiritual e reencontrando em si mesmo o apelo de Cristo. [...] Ao cristianismo assim degenerado, denuncia-o Mounier como sendo «sociólogo», isto é, integrou em si os valores duma classe social que o açambarcou, a *burguesia*. Por isso os católicos viveram a solidariedade de entre o poder espiritual e o poder temporal e confundiram a defesa do espiritual com os interesses morais, políticos e econômicos da classe dominante. O cristianismo não é uma propriedade burguesa.

Nessa citação é nítida a tristeza e indignação de Mounier em relação à situação do estado de inércia da sua religião, a qual se deixou influenciar pela elite burguesa, o que levou Mounier a desenvolver todo o seu pensamento utilizando-se como base principal o fenômeno da encarnação de Jesus Cristo, o Filho de Deus, que se encarnou como homem para “salvar” a humanidade.

Com isso, Mounier quis através do fenômeno da encarnação do Verbo de Deus, comprovar a importância da pessoa e da sua dignidade, pois o fato da ideia de que Deus quis e se encarnou no corpo de um homem é a prova real de que o ser humano é sim importante e deve ser respeitado como um todo.

Compreende-se, por isso, que o criador da revista *Esprit* expõem, através de sua filosofia, tendo como base a sua familiar e do fenômeno da encarnação da pessoa da

divindade, a sua indignação com o método filosófico extremamente desconexo da vida da pessoa humana e a distância de sua religião no cumprimento de sua primeira missão, que é: a salvação das almas, que, no fundo, se consiste em defender a valorização da pessoa humana, a luz da encarnação da pessoa de Jesus, o Verbo de Deus feito encarnado.

Desta forma, Mounier busca defender com a sua filosofia uma nova ideia de civilização, isto é, uma civilização personalista, que busca, acima de tudo, defender e valorizar o homem, pois como afirma Santana (2009, p. 21) “a ideia central do pensamento personalista é a ideia de pessoa, na sua inobjetividade encarnada em um corpo, situada na história e constitutivamente comunitária, isto é, o valor absoluto da pessoa é doutrina clara e incontestável, essencialmente no pensamento mounieriano”.

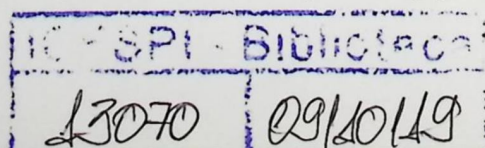
Por isso, conforme Nogare (1994, p. 135), mesmo conferindo o primado à pessoa, Mounier exclui qualquer princípio de individualismo egoísta e isolador para a sua nova civilização, pois os interesses da comunidade superam os interesses dos indivíduos considerados materialmente. Tendo em vista que esta nova civilização trata-se de comunidades de pessoas, que são inconcebíveis fora da sociedade, ou seja, todas as pessoas são importantes e devem ser respeitadas na sua dignidade, pois esta foi confirmada na encarnação no próprio Filho de Deus.

Não obstante, dada também à importância histórica e filosófica da revista *Esprit* para a divulgação do pensamento mounieriano, falar-se-á agora um pouco sobre a sua criação; apresentar-se-á às pessoas, que além de Emmanuel Mounier, participaram e ajudaram na elaboração de sua primeira edição e apontar-se-á quais foram às dificuldades enfrentadas, por esse grupo, após a criação desta revista.

2.2 A construção da revista “Esprit”

Segundo Zucal (2006, p. 611), os instrumentos fundamentais dos quais Emmanuel Mounier mais se utilizou para apresentar e praticar o seu “compromisso intelectual e moral fora a revista ‘Esprit’ (fundada em 1932) e o movimento (um rico e pluralista entrelaçamento de relações e de amizades) ligado a ela.”, cuja melhor descrição encontra-se em Severino (1974, p. 5):

Com um grupo de amigos como Georges Izard, Délégé, Jean Lacroix, Nicolas Berdiaeff, Denis de Rougemont, René Biot, funda a revista *Esprit*, porta-voz de todo um movimento espiritual que pretendia lançar. [...] O movimento “*Esprit*” aparece como um movimento de jovens a reclamar um novo alento de vida sobre a civilização ocidental. O exemplo de Péguy e o apoio de grandes homens da filosofia,



sobretudo, de Maritain, são a maior força a sustentar o novo esforço. Dificuldades não faltarão, contudo: desde as financeiras até a dolorosa incompreensão como a de Chevalier que acaba rompendo com o discípulo tão querido, a mordaz crítica de Mauriac, enfim, as advertências, suspeitas e ameaças da hierarquia eclesiástica. Tudo surgia da acusação de modernismo e de comunismo ao novo movimento. O primeiro número de *Esprit* data de outubro de 1932. Entre entusiasmos e ameaças, *Esprit* avança, sendo interditada, contudo em 1941 pelo regime de Vichy, reabrindo-se em 1944 e continuando, até 1950, sob a direção pessoal de Mounier. “*Esprit*”, como movimento, nasceu das exigências de uma nova geração, inconformada com o estado das coisas e com a atitude que diante dele tomava a velha geração.

Mounier, como já fora dito, sofreu muita perseguição por parte do regime ditatorial de Vichy, porque era visto como um resistente, um inimigo intelectual. Por isso, segundo Severino (1974, p. 7), com o eclodir da guerra, inicia uma longa jornada de sofrimento para Mounier, pois ele foi feito prisioneiro pelos alemães em setembro de 1939, sendo libertado e desmobilizado em julho de 1940.

Já em 15 de janeiro de 1942 Mounier é preso mais uma vez, agora como suposto membro do movimento Combate, mas depois foi posto liberdade provisória a 21 de fevereiro, sob-residência vigiada em Clermond-Ferrand, sendo submetido, ainda também, no dia 29 de abril do mesmo ano, a um internamento administrativo, em Vals, mas absolvido desse processo em 26 de outubro, do mesmo ano.

Assim, ainda segundo Severino (1974, p. 7) em 1944, já absolvido, volta a Paris, onde vive em um grupo de famílias amigas, e em dezembro de 1945 Mounier, apoiado por um grupo de velhos fiéis e novos amigos, inaugura uma nova série da revista *Esprit*, que durante o período da ditadura e de sua prisão, estava censurada.

Desde então, viaja frequentemente ao estrangeiro em vista de organizar e reanimar grupos ligados ao seu movimento, sobrando-lhe, todavia, tempo para várias publicações, como *Liberté sous conditions* (Liberdade condicional) e *Introduction aux existentialisme* (Introdução ao existencialismo), ambas em 1946, e sua última, *Le personnalisme* (O personalismo), em 1949.

Além das dificuldades já apresentadas, o fundador da revista *Esprit* enfrentou outro problema, desta vez interno e mais grave, “fora fundada, paralelamente à revista e ao movimento ‘*Esprit*’, outro movimento de engajamento e ação, a ‘*Troisième Force*’ (A terceira força), que deveria ser o prolongamento na ação política da inspiração ‘*Esprit*’” (SEVERINO, 1974, p. 10), no entanto, Mounier era intransigente com seus princípios e não olhou com bons olhos para este novo movimento, que para ele se perdeu toda a pureza da linha que havia desenvolvido na revista.

O então conflito gerou uma discussão muito significativa pela qual se levantou a seguinte questão: de que modo eles poderiam conciliar a ação e a meditação, a eficácia e o testemunho, o polo político e o polo profético? Por isso, a única solução encontrada foi a definitiva separação do grupo, assim, conforme Severino (1974, p. 5), em julho de 1933, há a ruptura entre as duas forças, pois a busca de Mounier implicava o testemunho da verdade em qualquer circunstância, não podendo, por isso, ceder a possíveis acomodações a particularismos políticos ou ideológicos.

Deve-se salientar, não obstante, que única intenção de Mounier, com sua revista, era lançar os fundamentos de um novo e verdadeiro humanismo, por meio do qual os verdadeiros valores humanos ganhassem extensão universal.

3 O PERSONALISMO MOUNIERIANO

Como já fora dito no capítulo anterior, o personalismo de Emmanuel Mounier tem por objetivo defender a dignidade da pessoa humana na sua integridade. Por sua vez, este segundo capítulo deter-se-á no modo como o personalismo mounieriano defende a promoção da dignidade da pessoa humana e, ao mesmo tempo, como este pode ajudar na compreensão da importância dessa ação.

Neste campo, uma interessante qualificação do personalismo de Mounier é dada por Abbagnano (1991, p. 127) quando este afirma que:

O personalismo filosófico é geralmente considerado como uma das formas de existencialismo e precisamente um existencialismo cristão com miras sociais e políticas. [...] O interesse de Mounier não era meramente teórico (isto é, abstratamente filosófico), mas o interesse prático de um pesquisador que desejava encontrar, para si e os seus semelhantes, um caminho de saída para a crise que se adensava sobre o mundo e, assim, salvar a dignidade e a liberdade da pessoa humana.

Jacques Maritain (apud NOGARE, 1994, p. 135) afirma que a crise a qual Mounier relata é a do século XIX, que fora desencadeada pela experiência dos erros do individualismo defendido por Kierkegaard e pelos excessos do coletivismo de tom marxista, no qual ambos favoreceram para o desenvolvimento, por reação, de uma concepção totalitária ou exclusivamente comunitária da sociedade. Estas contribuíram para a despersonalização da pessoa humana.

De tal forma que, ainda segundo Maritain (apud NOGARE, 1994, p. 135), “para reagir ao mesmo tempo contra os erros totalitários e os erros individualistas, era natural que se opusesse a noção de pessoa humana, compreendida como tal na sociedade, simultaneamente à ideia do Estado totalitário e à ideia da soberania do indivíduo”. Assim, pode-se entender que o personalismo mounieriano foi um dos maiores opositores a estes pensamentos.

Conforme Santana (2009, p. 21), para Mounier, essa crise não configurou apenas um desajuste técnico, mas algo bem mais profundo e significativo; tratava-se de uma crise de estruturas e, sobretudo, de atitudes morais. Isto fez com que acreditasse que o problema das estruturas sociais era econômico e moral, enxergando como saída possível à teorização e construção de uma “comunidade de pessoas”.

No conjunto do seu pensamento, Mounier (apud NOGARE, 1994, p. 135) utiliza outra expressão, ou seja, ao termo “comunidade de pessoas” prefere “civilização

personalista”, sendo que, na verdade, ambas possuem o mesmo significado, como ele mesmo afirma:

Uma civilização personalista é uma civilização cujas estruturas e espíritos são orientados para a realização, como pessoa, de cada um dos indivíduos que a compõem. E em que as coletividades naturais são reconhecidas, na sua realidade e na sua finalidade própria — diferente da simples soma dos interesses individuais e superior aos interesses do indivíduo considerado apenas materialmente — e que tem por finalidade dar a cada pessoa a possibilidade de viver como pessoa, isto é, poder alcançar o máximo de iniciativa, de responsabilidade, da vida espiritual.

Assim, o criador da revista *Esprit* propôs, através de sua filosofia, uma civilização personalista que, de acordo com Nogare (1994, p. 135), mesmo conferindo o primado à pessoa, exclui qualquer individualismo egoísta e isolador. Na proposta de Mounier, os interesses da comunidade superam os interesses dos indivíduos considerados materialmente, tendo em vista que se trata de uma comunidade de pessoas e estas são inconcebíveis fora da sociedade.

Para Mounier (1964, p. 20) a forma mais perfeita de se falar sobre a ideia central do personalismo é a “partir do estudo do universo pessoal”, isto é, o estudo do ser do ser humano, daquilo que o faz ser ele mesmo, não esquecendo a sua formação composta: espírito e corpo. Pois somente com o estudo deste tema é que se pode demonstrar, categoricamente, o quanto modo pessoal de existir é a maneira mais alta de existência.

Não obstante, Costa (2009, p. 282) também comunga dessa ideia, porque para ele a noção de universo pessoal, utilizado por Mounier, é de fato a expressão mais adequada para se referir à dimensão infinita e inesgotável que compõem a vastidão de sentido que toma o movimento criador por trás das expressões facetadas em que a pessoa se deixa desvelar no tempo e no espaço.

Portanto, como se pode ver, Mounier não busca dar uma definição objetiva e sintética do que seja a pessoa e a dignidade que lhe distingue, mas, através do seu estudo do universo pessoal, propõe uma nova e audaciosa maneira de se compreender o valor integral da pessoa humana.

Por conseguinte, tratando do universo pessoal, Mounier (1964, p. 20) afirma ainda que “a realidade central do universo consiste num movimento de personalização”. Isto equivale a dizer que pessoa humana, por uma atividade autocriativa de comunicação e adesão alcançará o autoconhecimento, reconhecendo-se ainda mais. Da mesma maneira que possui uma dimensão corporal, possui também uma dimensão espiritual, e ambas, se conjuntamente

desenvolvidas, constituem fatores determinantes para o processo de personalização e autocompreensão. Por isso, Mounier (1964, p. 20) afirma que:

Visto que a pessoa não é um objeto que se separe e se observe, mas um centro de reorientação do universo objetivo resta-nos orientar agora a nossa análise para o universo por ela edificado, a fim de iluminar nos seus diversos planos as estruturas, sendo preciso não esquecer que esses planos não são mais do que incidências diferentes sobre a mesma realidade.

Para conhecer melhor o universo pessoal apresentado por Mounier, abordar-se-á duas características que o sintetizam muito bem, a saber: a “existência incorporada” e a “comunicação”. Estas duas características, pode-se dizer, são a síntese da compreensão de pessoa de Emmanuel Mounier, porque na primeira observa-se que o filósofo compreende a pessoa humana como um ser que possui tanto um corpo, como um espírito, e ambos devem ser desenvolvidos juntos para que o mesmo possa alcançar a sua dignidade completa, enquanto que na segunda, apresenta que o homem é um ser de relações, que na sua prática do diálogo, para como os outros seres humanos, combate a indiferença e o individualismo gerados pelas ideologias de sua época.

3.1 A existência incorporada

Durante muito tempo, devido ao pensamento plantonista do mundo das ideias, e este sendo reforçado pelo pensamento cristão da supervalorização da alma em detrimento do corpo, a sociedade ocidental compreendeu que o homem era apenas um ser espiritual, e que o seu corpo era a sua prisão temporal, o qual, por isso, deveria ser esquecido e maltratado porque o que realmente importava era a sua salvação ou o seu retorno para o mundo das ideias, e assim, ficando mais próximo de Deus.

Não obstante, surgiram outros pensadores que se colocaram contra esse pensamento e tentaram inverter o mesmo, aqui pode se destacar os defensores da nova compreensão do homem, como Sartre, Nietzsche e Marx, filósofos ateus que abandonaram a crença na existência da dimensão espiritual do ser humano e, conseqüentemente, na existência de um Deus ou de um ser supremo, pois, para eles, isso era uma forma de infantilização e alienação do ser humano, propiciando para que este vivesse numa vida de fantasia e medíocre.

Entretanto, ainda no mesmo século surgiram outros filósofos que compreendiam de outra forma essa situação, isto é, em vez de dividirem e polarizarem a compreensão sobre o que é o homem e como este é constituído, elaboraram uma síntese, compreendida aqui como o

termo hegeliano nos sugere, na qual o ser humana é apresentado como ao mesmo tempo um ser composto de espírito e de corpo, onde ambos devem ser desenvolvidos e valorizados na mesma proporção. Desta feita, como se sabe, um desses grandes filósofos foi Emmanuel Mounier, o qual confirma essa explicação pela seguinte citação, na qual ele afirma que “o homem é corpo exatamente como é espírito, é integralmente ‘corpo’ e é integralmente ‘espírito’” (MOUNIER, 1964, p. 40).

Ao afirmar isto, Mounier quer defender a unidade existencial da pessoa humana, isto é, deseja diluir o dualismo ainda presente no pensamento cristão de sua época. Porque, de fato, ainda conforme Mounier (1964, p. 40), tudo nos leva a Deus, tanto o nosso corpo como nossa alma, as quais conjuntamente colaboram no reino espiritual, reino sólido de Deus e não do etéreo ou do Espírito. Apresentando, pois, oportunamente o porquê da utilização da compreensão cristã sobre o corpo e a pessoa na reflexão filosófica personalista de Mounier, Nascimento (2007, p. 124) declara:

O pensamento cristão une corpo e alma, sendo que na visão cristã a alma está unida ao corpo (matéria) não podendo jamais ter uma separação, pois daí resultaria a morte do homem. Historicamente, pode-se rever que o cristianismo, em alguns momentos, negou essa acepção de que corpo e alma fazem parte do todo humano. Havia uma grande aversão ao corpo considerada matéria que não leva a Deus. É claro que se deve entender o momento histórico da época. No entanto, falar hoje que o homem tem um corpo e precisa cuidar da alma torna-se equivocado gravíssimo. O cristão que nega o corpo nega a própria tradição cristã. Por isso é chamado a acabar com esse dualismo, seja pela vivência encarnada e até mesmo no próprio pensamento, porque o homem é um todo em sua natureza.

Não obstante, ainda segundo o próprio Mounier (1964, p. 40) a natureza, isto é, o corpo em nada contribui para o mal do homem, pois a encarnação não é uma queda, pelo contrário, pode ser sua oportunidade de crescimento. Mounier afirma isso porque, segundo Zucal (2006, p. 617), “o personalismo não é uma forma de angelismo, pois o modelo da antropologia personalista é o modelo cristão da encarnação”.

Talvez seja por isso que Mounier (1964, p. 42) chega a concordar com o pensamento marxista quando este afirma que “o fim da miséria material é o fim duma alienação, e etapa necessária para o desenvolvimento da humanidade”, posto que “o homem, além de alienado, tornar-se-á impessoal, não correspondendo com o que é de fato”.

Assim, para Rocha (2011, p. 47) Mounier não queria apenas lutar contra o dualismo de cunho idealista da sua época, mas também rejeitar o monismo de cunho espiritualista ou materialista, com o peso da sua leitura deturpada do mundo e, especialmente, das pessoas; em suma, apresentava o personalismo como uma proposta de realismo integral, isto é,

compreender a pessoa como uma unidade real, e não apenas aparente entre os seus princípios constitutivos.

Por sua vez, Zucal (2006, p. 616) ainda afirma que “o dinamismo da vida pessoal, ao qual Mounier dedicou talvez suas análises mais conhecidas e mais felizes, pode ser relido inteiramente em chave cristológica”, isto é, para se entender que o todo do homem está em sua natureza, deve-se olhar a partir da perspectiva cristã de natureza, segundo a qual não é possível dizer que o homem é determinado por sua condição de criatura, mas é justamente o contrário, como declara o próprio Mounier (1964, p. 43):

O homem escapa-lhe: «o homem é um ser natural, mas é um ser natural humano». E, exatamente, o homem singulariza-se por uma dupla capacidade de romper com a natureza. Só ele conhece esse universo que o absorve e só ele pode transformar, ele, o menos armado e o menos poderoso dos grandes animais. E, o que é infinitamente mais, é capaz de amar. Um cristão acrescentará: foi capacitado para ser cooperador de Deus. [...] O homem não é encarnado no seu destino pelo determinismo.

Pode-se entender, portanto, que o homem tem um grande potencial para desenvolver-se e crescer enquanto pessoa, visto que ele não está parado por causa de sua natureza. Ademais, segundo Severino (1974, p. 47) “a condição de ser natural da pessoa humana é o condicionamento de sua elevação e o desconhecimento da matéria é a primeira forma de desconhecimento do homem”, do que se compreende que “a matéria, o natural, no qual o homem se acha encarnado ou situado, constitui a base e a condição de toda e qualquer ação e elevação do homem; o homem apoia-se na natureza para elevar-se”.

Porquanto é necessário compreender, de acordo com Nascimento (2007, p. 124), que a pessoa transcende a natureza, pois a sua singularidade se dá por meio da transformação que acontece na sua própria natureza, sendo o único capaz do ato de amar, abrindo-se ao outro. Daí poder-se-á dizer que o destino do homem é buscar um crescimento do corpo e da alma nessa postura de integração dialética.

Conforme Mounier (1964, p. 45), essa ascensão da pessoa aparece como “uma luta real entre duas tendências de sentidos opostos: a tendência para a despersonalização e um movimento de personalização”. Nascimento (2007, p. 124) afirma, pois, que “a despersonalização faz do homem um ser caído em si mesmo, rotineiramente, incapaz de movimentar-se por si próprio, pois não vive a vida social (mundo) e a espiritual (transcendente)”, e, em contrapartida, “o movimento para a personalização tem esse desafio de ser seguro e de estar socialmente integrado em suas relações”.

Mounier apresenta como exemplo de ação despersonalizante a produção acelerada das máquinas e a busca pela larga produção, responsável por fazer com que os trabalhadores se esforcem ao máximo para confeccionar os produtos nas fábricas dos seus patrões, gerando a concorrência entre as pessoas e o lucro pessoal, e desenvolvendo, por outro lado, o individualismo e o afastamento da busca de Deus. Assim, confirma Mounier (1964, p. 55), “os homens do século XX enlouqueceram com este novo e onipotente corpo que construíram. É verdade que o poder de abstração da máquina é assustador”.

Entretanto, Mounier ao apresentar a sua crítica a exploração exacerbada do trabalho do homem nas fábricas europeias, não quer ele diminuir a importância do trabalho ou do labor humano, mas antes, quer por meio desta, ressaltar a importância do mesmo, pois, para ele, a produção é sim uma atividade essencial para a dignidade da pessoa humana, porque a mesma foi dada para o homem pelo próprio Deus no ato da criação.

Por isso Mounier (1964, p. 55) afirma que “a produção deve tornar-se uma atividade libertante e libertadora, desde que modelada a todas as exigências da pessoa”, isto é, “onde houver primado econômico, há já o primado do humano”, pois a “produção não tem valor senão quando visa o seu mais alto fim: a instauração dum mundo de pessoas”.

Por sua vez, pode-se entender que a personalização humana defendida por Emmanuel Mounier não se manifesta apenas no reducionismo da pessoa à sua natureza ou a sua transcendência, e nem em uma mera ação individualista e egocêntrica, mas num processo pelo qual a pessoa busca sair de si para o encontro do outro, sem cair também no perigo do coletivismo que lhe descaracteriza como pessoa. Assim, neste panorama, compreende-se que o personalismo decide-se pelo equilíbrio.

3.2 A comunicação

A reflexão personalista sobre a comunicação deve ser entendida como a ratificação da crítica de Mounier ao individualismo e ao coletivismo que separam as pessoas e as impedem de se desenvolverem com liberdade. Assim, pode-se dizer que o pensamento mounieriano compreende a comunicação como uma crescente rede sociocultural de relações intersubjetivas que respeita as particularidades de cada um de seus membros, isto é, segundo o próprio Mounier (1964, p. 62) “a pessoa só cresce na medida em que sem cessar se purifica do indivíduo que nela está”, pois esta só conseguirá crescer como pessoa quando a mesma virar toda a sua atenção ao outro, tornando-se, assim, disponível ao outro.

O individualismo, de acordo com Mounier (1964, p. 61), pode ser entendido como “um sistema de costumes, de sentimentos, de ideias e de instituições que organiza o indivíduo partindo de atitudes de isolamento e de defesa”, desenvolvendo, então, não um homem preocupado com o social e voltado para o transcendente, mas um “homem abstrato, sem vínculo com as comunidades naturais, deus supremo no centro duma liberdade sem direção nem medida, sempre pronto a olhar os outros com desconfiança, cálculo ou reivindicação”.

Por isso, pode-se afirmar que tal pensamento ou comportamento é justamente a antítese real do personalismo e o seu mais direto adversário, visto que para Emmanuel Mounier a pessoa só desenvolve-se através de um movimento de interiorização madura que leve à purificação do pensamento individualista e, assim, a uma ação altruísta.

Caracterizando esse movimento altruísta, que para ele é natural à pessoa, nosso filósofo sintetiza todo o seu pensamento afirmando que o ser humano já é por natureza destinado a conhecer-se e a desenvolver-se na medida em que se doa e ajuda os outros, pois segundo ele o primeiro movimento que revela o ser humano é o movimento para o outro, o qual apresenta como um exemplo a criança de seis a doze anos que para se conhecer tem que se sair de si, da sua vida vegetativa, para aprender com atitudes dos outros ao seu redor.

Porquanto, ainda segundo Mounier (1964, p. 62), “a experiência interior da pessoa surge-nos como uma presença voltada para o mundo e para as outras pessoas, sem limites”. Assim, o ser humano nessa etapa de sua vida “não existe senão para os outros, não se conhece senão pelos outros, não se encontra senão nos outros”.

Por isso, pode-se dizer também, que a experiência primitiva da pessoa é a experiência da segunda pessoa, isto é, o tu e, inerente a ele, o nós, onde ambos precedem o eu, ou pelo menos o acompanham. Entretanto, ainda segundo Mounier (1964, p. 62), quando a comunicação se enfraquece ou se corrompe o homem se perde no seu próprio Eu, pois todas as loucuras provêm da falha das relações dos homens entre si, transformando, por isso, o *alter* em *alienus*.

Não obstante, esta preferência para o outro se deve porque no final é o amor oblato aos outros seres humanos que dá ao homem o sentido de sua existência. É o que Mounier (1964, p. 61) afirma quando diz que “quase se poderia dizer que só existo na medida em que existo para os outros, ou numa frase-limite: ser é amar”.

Desta forma, Mounier (1964, p. 65), apresenta cinco ações que são necessárias para que se estabeleça uma comunicação verdadeiramente personalista, assim, a primeira é sair para fora de si próprio, pois a pessoa é uma existência capaz de se libertar de si própria, de se desapossar, de se descentrar para se tornar disponível aos outros; a segunda é a compreensão,

isto é, deixar de se reconhecer apenas o seu próprio ponto de vista, mas buscar se situar no ponto de vista dos outros; o terceiro é tomar sobre si e assumir o sofrimento do outro; o quarto é a doação, tendo em vista que a força vital do ímpeto pessoal não está, nem na reivindicação, nem na luta de morte, mas na generosidade e no ato gratuito, ou seja, na dádiva sem medida e sem esperança de recompensa; e por último, a quinta ação é a fidelidade ao compromisso dessa comunicação e doação para com o outro, pois as decisões pessoais como o amor e a amizade, só podem ser perfeitas na continuidade. Assim, Mounier compreende que estas ações só confirmam e aumentam o ser de cada pessoa.

Por sua vez, Moix (1968, p. 146), falando do coletivismo criticado por Mounier, ratifica essa explanação sobre as ações apresentadas por Mounier, dizendo que “contra os erros do coletivismo, Mounier lembrava que todo homem é senhor do seu destino”, ou seja, para que se realize a comunicação, a pessoa deve sair totalmente de si, buscar apenas ser disponível ao outro, colocar-se no seu ponto de vista, compreendê-lo, sem “nunca deixar de ser ela mesma, o que não seria amor, mas fraqueza”. Entende-se, pois, dessa explicação que a comunicação no pensamento de Mounier não se caracterizava como alienação, mas como uma ação, verdadeiramente, saudável, consciente e humana.

Não obstante, esses passos, orientados por Mounier, são de grande valia para o correto tratamento ou relação que o ser humano deve dispensar para os seus semelhantes, porque, no fundo, ao seguir essas orientações, alcançar-se-á um tratamento verdadeiramente humano, isto é, não se verá o outro apenas como um mero objeto, mas um sujeito, que pensa que tem sentimentos, o qual não se possa definir ou classificá-lo, pois ele é inesgotável e pleno de possibilidades.

Entretanto, o expoente do personalismo francês é suficientemente maduro para entender que existem muitas dificuldades que impedem para que ocorra a comunicação. Como se sabe, o ser humano é um ser muito complexo; cada homem vem de uma cultura diferente e possui, conseqüentemente, hábitos diferentes. Logo, a comunicação é uma exigência desafiadora para o homem, porque o pressiona a sair do seu comodismo e a tentar ao máximo abandonar o seu confortável mundo egocêntrico, tendo em vista ainda que sobre cada ser humano atua também uma força natural que o convida a fugir de qualquer forma de sofrimento e exigência. Em outras palavras, a comunicação e a doação, sob certos aspectos identificados, podem ser um grande sofrimento para o homem.

Por isso, Mounier (1964, p. 69), assim como fizera ao citar as cinco características para que tenha uma comunicação, cita também, desta vez, quatro possíveis obstáculos para essa comunicação, segundo ele, a comunicação deve enfrentar em primeiro, a incompreensão

da outra pessoa que participa do diálogo, em segundo, da má vontade que existe no agente da ação para se esforçar no exercício da comunicação com o outro; em terceiro, o próprio existir do homem que é como uma opacidade irreduzível, e assim, uma indiscrição; e a quarta, a pré-disponibilidade que o ser humano possui para alimentar um novo egocentrismo, o qual o leva para novas barreiras entre os seus semelhantes.

Por isso, Mounier (1964, p. 70) afirma que “a comunicação é mais rara do que a felicidade, mais frágil do que a beleza. Um nada a pode suspender ou quebrar entre duas pessoas”, assim, “no universo em que vivemos, a pessoa está a maior parte das vezes mais exposta do que rodeada, mais abandonada do que comunicada”.

Portanto, pode se compreender aqui que a comunicação humana é uma ação muito importante para o ser humano, pois lhe ajuda no seu crescimento como pessoa e no desenvolvimento da sociedade como um todo, principalmente quando se refere na ação altruísta da comunicação humana, a qual implica uma ação social, pois se preocupa com o outro; mas também a comunicação é algo muito delicado, pois depende de algumas disposições que tanto o agente como o paciente da ação comunicativa devem atender para que a mesma aconteça.

Assim, ao refletir também sobre a luta de Mounier contra o individualismo e o egocentrismo e sua reflexão sobre a comunicação humana, Lorenzon (1996, p. 26) apresenta a seguinte conclusão:

Face a essa afirmação, poder-se-ia deduzir que a única maneira de o homem se desenvolver normalmente seria através da comunicação, relegando em plano secundário o movimento de interiorização e contemplação. Para E. Mounier são dois movimentos essenciais e complementares, chegando ao ponto de falar duma “dialética da interioridade-objetiva”. Acontece, porém, que o homem passa, com frequência, a privilegiar um ou outro desses dois movimentos. Assim, a pessoa demasiadamente objetivada, torna-se prisioneira das solicitações externas, empobrecendo a “vida oblativa”, enquanto que a pessoa, fechada sobre si mesma, recusa-se a uma aceitação do outro e da realidade. Uma afirmação de E. Mounier resume, de maneira clara, a dialética “Eu-mundo”, dizendo que “a pessoa é um interior que necessita do exterior”.

Desta forma, ao observar a explicação de Mounier sobre a existência encarnada do homem e sua ação comunicativa, a única conclusão que se pode deduzir é de que a pessoa humana é, de fato, um ser muito complexo, pois ao mesmo tempo em que se constitui como um ser de alma e corpo, transcendência e imanência, necessita se comunicar com as outras pessoas para que assim se possa se conhecer inteiramente enquanto ser.

4 CONTRIBUTOS DO PERSONALISMO DE MOUNIER

A defesa da dignidade da pessoa humana deve ser constantemente ratificada pela sociedade, sobretudo por autoridades e cidadãos que assumem algum cargo de responsabilidade e utilidade social. Não obstante, pode-se dizer que, ainda nos dias atuais, o pensamento de Emmanuel Mounier é muito presente e importante para tal ação, pois este, através da sua filosofia humanizada, abriu e fundamentou uma reflexão ontológica e, ao mesmo tempo, a prática sobre a importância da valorização da pessoa humana, principalmente quando afirma que o homem não é um ser definido, mas cheio de potencialidades.

Por isso, pode-se dizer que os maiores contributos do personalismo para a sociedade atual foram a sua árdua reflexão sobre a dignidade da pessoa humana, sem esquecer a defesa da sua transcendentalidade, a colaboração para a atualização da compreensão cristã sobre o homem e a sua reflexão sobre a educação, as quais serão ponderadas neste terceiro capítulo.

Mounier, em defesa da pessoa, não se limitou a apresentar a sua importância e transcendência, mas convida a todos que comungam de sua ideia a partirem para uma ação mais concreta, isto é, um compromisso sério em defesa da pessoa. Para tanto, o próprio Mounier (1964, p. 151) sugere que “a existência seja ação, isto é, a mais perfeita ação”, pois a ação não é apenas um apêndice do personalismo, mas o seu capítulo central. Assim, conforme Teixeira (2013, p. 44), deve-se entender a ação defendida por Mounier como o compromisso pessoal de cada ser humano, o mesmo que:

Visa a romper quaisquer tipos de alienação cerceantes e confinadoras da dignidade da pessoa em reinos idealistas ou materialistas, estupefacientes nas formas e ineficazes para um modo de existência conquistado cada dia, mediante combates e obstinação recalcitrantes. Contudo, para Mounier, o compromisso do personalismo cristão está engendrado a partir da liberdade.

Por sua vez, a liberdade em Mounier não deve ser entendida como a indiferença para com os sofrimentos alheios, pensando que isso poderá representar perigo à felicidade individual, mas como um compromisso para com o outro. Segundo o próprio Mounier (1964, p. 123), “o homem livre é um homem [...] responsável”, pois “concentrar a atenção dada à liberdade unicamente sobre o poder de opção, é fazer que a liberdade perca o seu ímpeto”, isto é, a liberdade da pessoa humana não é nem se restringe puramente à sua individualidade, mas atende ainda ao compromisso e atenção com o que está à sua volta.

Por isso, segundo Teixeira (2013, p. 44) “Mounier acreditava que o compromisso é a maior expressão da liberdade, transcendendo inclusive a noção de espontaneidade, a qual era, como se cogitava, o ato por excelência mais livre”.

Mounier, como se sabe, utilizou-se da revista *Esprit* para difundir suas ideias e tentar apresentar para a sociedade, principalmente para os cristãos, a necessidade de agir e buscar defender a promoção da pessoa humana, duramente maculada pelos conflitos políticos e imposições ideológicas de sua época, não muito diferente do que se pode encontrar ainda hoje na sociedade. Isto é o que afirma Severino (1974, p. 111) quando diz que:

O personalismo, com efeito, surgiu de uma análise da situação de crise da civilização ocidental e da vontade historial de reconstrução do Renascimento. Todo o esforço do movimento personalista dirigiu-se para esta transformação e a própria filosofia personalista, já se viu, não se entenderia fora desta perspectiva. Durante toda a sua vida de engajamento, Mounier tentou despertar pessoas para o refazer-se da civilização, para o reorientar-se da História.

Todavia, essa possível ação revolucionária foi distorcida, como já fora dito, pelos pensamentos marxista e existencialista ateu daquela época, o que levou à ideologização e radicalismo de sua compreensão. Tais pensamentos foram assumidos sob a perspectiva de uma compreensão individualista, isto é, que atribuía o protagonismo da ação revolucionária unicamente ao indivíduo, esquecendo-se, por isso, das possíveis contribuições dos demais pensadores e colaboradores da sociedade ou na massificação das ideias.

Teixeira (2013, p. 46), contudo, define o processo de personalização de Mounier como uma contraposição à corrente de pensamento individualista. Desse modo, pretende-se entender que o principal compromisso mounieriano consiste em conduzir agora as pessoas a um verdadeiro estado de maturidade e liberdade interior, pelos quais se convida a pessoa a buscar assumir seu compromisso de valorização da sua própria dignidade.

Em suma, o personalismo de Mounier deixava de ser uma mera busca de conceitualização ou estudo da pessoa para tornar-se ação concreta em que a própria pessoa, conhecendo suas possibilidades e valor, buscaria não somente a própria dignidade, mas a da comunidade humana como um todo, por isso, Teixeira (2013, p. 46) afirma que:

A personalização é o processo a partir do qual as consciências deixam de representar apenas quantidade de indivíduos manipulados ou delirantes e passam a indicar seres humanos qualitativamente engajados, cujas subjetividades colaboram entre si de modo recíproco e estão profundamente mergulhadas nos dramas de sua época.

Portanto, o engajamento, o compromisso com a sociedade de que participa, segundo Moix (1968, p. 177) é uma exigência essencial da vida pessoal, e por isso mesmo o personalismo reserva-lhe lugar de escolha, pois tal vontade de engajamento Mounier considera uma vocação de sua geração. Entretanto, para Mounier, tal ação só tem sentido se for animada e inesperada do absoluto.

Não obstante, o fundador da revista *Esprit*, segundo Moix (1968, p. 177), afirma que o ser humano faz quatro exigências para a ação; por conseguinte, para cada uma dessas exigências existe um tipo de ação, salientando, por sua vez, que sempre existirá uma ação que sempre se sobreporá às demais, transformando-as, como que em um mero complemento da mesma.

Para Mounier (1964, p. 155), a primeira exigência refere-se ao fazer objetivo da ação em si, na qual a pessoa tem por principal compromisso dominar e organizar a matéria que está ao seu redor; a isto denomina economia, a mesma que acaba transformando a natureza em simples produtos de consumo. Apresenta como exemplo dessa ação a indústria, que para ele traduz-se como o domínio da ciência sobre a natureza.

Severino (1974, p. 107), porém, adverte que o pragmatismo inerente à ação econômica da comunidade humana, como não lhe pode satisfazer, insere a ação econômica também nas perspectivas da política, o que, por sua vez, conduz diretamente a articulação da ética. Esta lhe conduz a orientar toda a sua ação ou elemento da ação para uma finalidade suprema, o que significa que o homem deve superar a pura ação tecnicista de sua ação.

A segunda exigência refere-se ao agir em si mesmo do homem, posto que, para Mounier (1964, p. 156), a ação humana não deve ter como principal finalidade o resultado concreto do seu labor, isto é, a execução da construção de uma obra ou a produção de um produto, mas a formação ética do que lhe executa.

Antes de tudo, o labor humano deve lhe favorecer o descobrimento das próprias potencialidades e virtudes. Porque, como afirma Severino (1974, p. 107), a “ação ética é a dimensão complementar da ação econômica”, pois a técnica e a ética são dois pólos da inseparável cooperação da presença e da operação. Mounier reafirma aqui a sua crítica sobre a visão capitalista do homem, que o vê apenas como uma máquina, destinada, por isso, a executar obras e esperar a recompensa.

Na terceira exigência, Mounier (1964, p. 158) relembra a função e a importância da dimensão contemplativa do agir humano; para que a atividade contemplativa aconteça exige-se não apenas a utilização da inteligência e da força humana, mas também a participação do

homem por inteiro. Assim, a contemplação, embora apresente como principal preocupação a exploração dos valores, dispõe-se também para as modificações de caráter prático; há, portanto, uma disposição para a união entre a contemplação e a prática, a exemplo da ação política entre o ético e o econômico, e a isto Mounier chama ação profética. Entende-se que a atividade contemplativa é desinteressada, porque esta experiência impede ao homem declarar inútil, aprioristicamente, qualquer atividade de que não veja utilidade imediata.

E por último, Mounier (1964, p. 161) apresenta na quarta exigência a importância da ação coletiva, tendo em vista que a comunidade de trabalho é indispensável para a humanização integral do homem. Com efeito, o homem não se satisfaz fabricando e organizando isoladamente; para encontrar disposição para agir fervorosamente, precisa, além das condições estruturais de seu ambiente de trabalho, da presença fraterna dos seus camaradas de trabalho. De acordo com Severino (1974, p. 108), a pessoa, já primitivamente aberta aos outros à comunicação, à reciprocidade das consciências, exige que no plano básico da ação a dimensão comunitária tenha sua expressão ôntica.

Confirma-se por esta explicação da ação que o engajamento, como atesta Moix (1968, p. 178), “é o remédio eficaz contra o egocentrismo”, considerando que é inseparável do desprendimento. De tal forma, recusar o engajamento é recusar, conseqüentemente, a própria condição humana. Consegue-se entender a partir daí como a filosofia mounieriana dá novos parâmetros para a vivência da fé cristã, não somente de sua época, mas ainda da futura geração. A propósito, Silveira (2010, p. 105) afirma:

Para Mounier, o cristão diante de sua responsabilidade, deve afrontar comprometer-se (engajar-se) e jamais recuar; do contrário, trata-se de uma boa consciência do fariseu que demarca e marca, com sua demissão, as fronteiras entre o humano e desumano. Para ele, não há engajamento verdadeiro sem a referência do absoluto, pois o homem está além de sua própria ação. Considerou que, em sua geração, era esta a nova vocação.

Vislumbrando essa enorme contribuição para o amadurecimento da ação caritativa e pastoral do cristianismo, especificamente na Igreja Católica, o próximo subtema tratar-se-á sobre a contribuição do personalismo mounieriano para a prática cristã.

4.1 A contribuição do personalismo mounieriano para o cristianismo

Por ser um cristão assíduo na sua fé, Mounier não poderia deixar de refletir sobre a vivência da mesma, pois, segundo Moix (1968, p. 316) ele estava preocupado sobre como o

cristianismo poderia responder às angústias da consciência contemporânea. Assim, é importante que a doutrina encontre em cada época sua inserção histórica adequada. Todavia, compreende-se que em vez de os cristãos colaborarem na busca dos valores nascidos no mundo contemporâneo, como justiça, tolerância e democracia, os cristãos se isolaram muitas vezes nos seus guetos.

Por isso, Mounier (apud Moix, 1968, p. 316) afirma que “o mundo moderno atual não encontra mais o cristianismo. A palavra de Deus, para ele, torna-se propriamente letra morta. [...] A Igreja perdeu a chave da língua dos homens”. Destarte, por isso, Mounier (apud Moix, 1968, p. 317) compreende que exista um “divórcio entre o cristianismo e o mundo moderno”. Em síntese, entende-se que para Mounier (1964, p. 208) o motivo principal do conflito entre cristianismo e a sociedade moderna é o fato do primeiro ainda não ter realizado com o segundo a união conseguida com o mundo medieval, isto é, o cristianismo não conseguiu acompanhar a evolução acadêmica e moral do mundo moderno.

Assim, compreende-se que Mounier (1964, p. 206) tinha como um dos seus principais objetivos, ao apresentar esse atrito entre a sociedade moderna e cristianismo, salientar a importância do compromisso dos cristãos, a partir de então, para viverem a sua fé de maneira autêntica e fiel, sabendo-se que para tal vivência encontrariam diversos desafios, dentre os quais: o individualismo, a indiferença religiosa, o ateísmo militante e a grande valorização da ciência como detentora principal da verdade.

Não obstante, tais dificuldades só resultarão em um contínuo abandono do conhecimento do saber transcendental e, por conseguinte, o abandono dos valores éticos e morais defendidos pelos cristãos. Por isso, Mounier (apud Moix, 1968, p. 320) afirma que, mediante tal situação, os cristãos devem estar “decididos a serem profundamente cristãos, no lugar exato em que se engajam”, isto é, a tarefa dos cristãos, nos dias atuais, consiste em se enraizarem mais forte e fielmente no mistério de Cristo, e a se comprometerem ainda mais, sem intenções proselitista ou de outra natureza na construção da sociedade.

Contudo, deve-se compreender, também, que mesmo apresentando esta dificuldade de relacionamento do cristianismo para com a sociedade moderna, Mounier não esquece ou diminui a dimensão e importância da transcendentalidade para a vivência real do cristianismo, pois, segundo Mounier (apud Moix, 1968 p. 320), “a religião de Cristo é ao mesmo tempo transcendente e encarnada”, e porque ele buscou seguir ao máximo o famoso princípio evangélico, que diz: “Buscai primeiro o reino de Deus e sua justiça, e tudo mais vos será dado por acréscimo.”

Por isso, entende-se que para Mounier esse conflito e essa atualização do princípio evangélico não pode significar em si o fim do cristianismo, como um todo, mas apenas o de uma cristandade ou dum corrompido regime do mundo cristão que insistia em romper suas ligações com a parte dos seus membros pioneiros na compreensão do verdadeiro princípio evangélico, isto é, morre uma cristandade ainda ligada a um pensamento feudal e burguês, para renascer um atualizado cristianismo exclusivamente e excessivamente preocupado e ligado às massas populares, ou seja, os mais pobres e excluídos.

Desta feita, Mounier (apud Moix, 1968, p. 333) afirma ainda que “um cristianismo plebeu, na era das massas, é a primeira condição de um cristianismo viril”, favorecendo, por isso, a retomada da teologia comunitária, assim, para ele não há pessoa sem comunidade, não há cristão sem Corpo Místico e a comunhão dos santos. E, por esse pensamento, o fundador da revista *Esprit* leva o cristianismo a um combate direto com o individualismo e a ideia da salvação individual.

Assim, conforme Richard (1978, p. 118), Mounier faz uma discriminação entre cristandade e cristianismo, não havendo, portanto, nenhuma semelhança entre ambos, pois a cristandade designa a sociedade de tradição e maioria cristã, que sofreu todos os compromissos e o desgaste do tempo e da sua época, enquanto o cristianismo se traduz como uma realidade sobrenatural que está neste mundo sem ser do mundo. Portanto, segundo Santana (2009, p. 54), para Mounier o importante é que o cristianismo não se torne o selo da esclerose das situações e que o mundo não perca os valores cristãos.

Silveira (2010, p. 62), por sua vez, apresenta, de maneira objetiva, como o pensamento de Emmanuel Mounier contribuiu para o amadurecimento da fé cristã, especialmente para a Igreja Católica, acenando de que maneira o seu pensamento fora utilizado pela Igreja para atualizar a sua ação messiânica:

Inicialmente mal compreendido, Mounier depois de alguns anos obteve grande influência para a renovação da Igreja Católica em todo o mundo, pois estava entre os intelectuais católicos que buscaram criar um pensamento próprio, articulado sobre a ideia tradicional da pessoa, visto que o clero, diante da crise da humanidade, culpava a modernidade pelos problemas políticos e sociais e alguns insistiam na adaptação do tomismo às novas circunstâncias. O personalismo teve irradiação intelectual na França e Europa do pós-guerra, tendo seus temas sido retomados nas encíclicas sociais de João XXIII e de Paulo VI – *Mater et Magistra* (1961) e *Pacem in Terris* (1963), bem como no Concílio do Vaticano II (1962-1965). Inspirou o sindicalismo, movimentos sociais de origem cristã e ainda movimentos de atuação dos leigos, como a Ação Católica Operária (ACO), a Juventude Operária Católica (JCO), a Juventude Estudantil Católica (JEC), a Juventude Agrária Católica (JAC), a Juventude Universitária Católica (JUC) e outros.

Não obstante, Mounier apresenta, também, outra forma para a possível contribuição do cristão na construção da sociedade, isto é, através do seu engajamento honesto na política. Por sua vez, Teixeira (2013, p. 28), nesse campo, explica que Mounier faz uma distinção entre política partidária e a política compreendida como ação pessoal de cada indivíduo em vista de contribuir com a sociedade, pois não há uma política cujo plano de ação seja orientado integralmente pela doutrina cristã, fato que levou Mounier a sempre rejeitar os partidos denominados “democratas cristãos”, assim:

Não cabe ao cristianismo imiscuir-se em partidos políticos, movimentar ideologias e lutar pelo poder. A sua missão é diferente, pois consiste em comandar um espírito político, isto é, que vise ao bem comum da coletividade e não a uma política específica. O cristão que milita politicamente deve, portanto, realizar as atitudes em seu nome e não em nome de sua fé. O cristianismo é universal e não se lhe pode retirar as mesmas respostas para circunstâncias partidárias específicas. Além do mais, não é incomum homens que se dizem cristãos afiliarem-se a partidos não cristãos nem humanísticos; pelo contrário, alguns destes têm em seu dinamismo interno aversão ferrenha à fé e à pessoa humana, manifestando uma profunda contradição. O engajamento de um cristão deve traduzir a sua vida interior, porquanto o “cristianismo é uma alternativa do fundo do coração, que se antepõe sempre e sempre a cada homem e a cada estabelecimento que se consolide com o tempo e com o número”.

Pode-se concluir, portanto, que Mounier temia viver e participar de um cristianismo que continuasse a seguir um modelo individualista, ligado à burguesia, fechado a atitudes moralistas e distantes da vida da sociedade, mas desejoso de participar de um novo cristianismo, isto é, atualizado com as novas exigências sociais e humanas e, assim, convidando a todos os cristãos a não mais viverem em vasos fechados, voltados não para sua fé, que não pode ser fechada, mas viverem uma preocupação sociológica de sua religião, para que, assim, o novo cristianismo possa se transmitir aos não cristãos a verdadeira face da vida cristã, que segundo Zucal (2006, p. 619) tendo como base a concretude histórica e cósmica do mistério da encarnação de Deus, que se fez presente na pessoa humana de Jesus Cristo, proclamar e defender o valor irredutível da pessoa humana.

Assim, depois de conhecer um pouco sobre a influência do pensamento mounieriano para o cristianismo, debruçar-se-á agora sobre a visão educacional do pai do personalismo cristão, pois, além da contribuição religiosa, pode-se notar um conteúdo pedagógico no seu pensamento mounieriano, ambos com fundo ético de formação da pessoa em vista de sua valorização. Por isso, se pretende apresentar, neste segundo tópico, um pouco da contribuição de Mounier para a educação.

4.2 A educação pela visão personalista

A educação é uma ação que tem por finalidade conduzir o ser humano a desenvolver-se enquanto pessoa e enquanto ser social. Para tanto, Aranha (2006, p. 31) compreende esse desenvolvimento educacional da pessoa não como simples transmissão da herança dos antepassados para as novas gerações, mas o processo pelo qual também é possível a gestação do novo e a ruptura com o velho, isto é, a educação deve permitir que o ser humano aprenda informações novas, baseando-se naquilo que já foi descoberto pelos antepassados, sem esquecer, portanto, a importância das raízes.

Na mesma linha de pensamento, para Lorenzo (1996, p. 62) o professor e filósofo Emmanuel Mounier compreende que o “desenvolvimento do homem, enquanto realidade pessoal, individual e social, constitui um dos objetivos básicos da educação, já que esta consiste em ‘despertar pessoas capazes de viver e de se engajar como pessoas’”; aqui a educação para Mounier é entendida como formação integral da pessoa humana, pela qual a educação não pode visar apenas a um aspecto da vida pessoal, como a possível profissão, mas precisa estar aberta para a história de vida de cada pessoa.

Mounier (1964, p. 200) apresenta, em contrapartida, a fragilidade do sistema educacional de sua época, que correspondia satisfatoriamente apenas às expectativas das pessoas adultas, tendo em vista que não conhecia, de fato, a personalidade das crianças que lhe eram confiadas; preocupava-se unicamente em infundir-lhes as perspectivas que os adultos tinham para elas, substituindo, assim, o discernimento das características e das vocações inerentes a cada uma pelo formalismo autoritário do saber.

Depreende-se deste panorama e da crítica mounieriana a ele que a educação não poderia ter como única finalidade moldar a criança ao conformismo de seu meio, seja familiar, social ou acadêmico, nem muito menos restringi-los à formação profissional ou ao papel que a sociedade já lhe impunha, pois a transcendência da pessoa implica que ela não pertence a mais ninguém senão a ela própria. Destarte, ele ressalta que a criança não é um sujeito puramente isolado; na verdade, a criança só forma-se verdadeiramente desde que inserida em uma comunidade, pois, caso contrário, poderá o processo educativo apresentar um erro que implica em um considerável prejuízo para a sua formação como pessoa.

De igual modo, Verônica Abreu (2008, p. 178) acredita que o princípio da educação personalista é rejeitar a posição totalitária da escola, que esteriliza as possibilidades da criança quando a coloca para pensar a partir dos outros ou agir segundo uma palavra de

ordem, ou ainda lhe impõe contentar-se em viver num mundo satisfeito e confortável a exemplo do mundo burguês. O próprio Mounier (1964, p. 201) apresenta que:

A transcendência da pessoa implica que a pessoa não pertença a mais ninguém senão ela própria: a criança é sujeito, não é nem *RES societatis*, nem *RES familiae*, nem *RES Ecclesiae*. No entanto, não é o sujeito puro nem isolado. Inserida em coletividades, forma-se neles e por elas; se elas não são, no que lhe diz respeito, poderes onipotentes, são meios formadores naturais: a família e a nação, os dois abrindo para a humanidade, aos quais o cristão junta a Igreja.

Não obstante, Mounier (1964, p. 201) conclui sua reflexão sobre a educação salientando a importância e explicando a verdadeira obrigação da escola e do professor. Para ele a escola não deve ser entendida simplesmente como órgão do Estado, oferecido como serviço relevante para a sociedade, mas como verdadeira instituição nacional. As suas ações devem estar ligadas e modeladas pelas necessidades e situações do país, permitindo que a mesma goze de toda liberdade possível para se comunicar e interagir com o mundo extraescolar, além, é claro, de ter o cuidado para que a escola atenda toda a nação, nos seus diversos graus, sem sujeitar-se a privilegiar uma determinada fração de seus habitantes, uma vez que ela tem por obrigação distribuir a todos indistintamente o mínimo de conhecimento a que todo homem livre tem direito.

Por último, Mounier conclui que a missão do educador é auxiliar o educando para que este consiga se tornar o verdadeiro sujeito de seu destino, sendo tratado agora como sujeito e não como um simples objeto do processo educativo, pois, de acordo com Lorenzo (1996, p. 62), “a autoridade pedagógica passará a ser uma autoridade relacional e um serviço, menos uma ascendência hierárquica e intelectual”, e, desta maneira, pode-se dizer que a meta de toda educação é o “despertar” da pessoa, o desabrochar duma existência verdadeiramente humana, que é imanência e transcendência, e que seu ser não pertence a ninguém, senão a ela mesma.

5 CONCLUSÃO

Neste presente trabalho fora apresentado o pensamento do filósofo francês Emmanuel Mounier, homem de origem humilde, cristão convicto e fervoroso participante dos compromissos exigidos pela sua fé, além de ser e um homem bastante preocupado com os rumos que a sociedade de sua época estava tomando, os quais se implicavam diretamente no abandono dos direitos da pessoa humana. Para ele, a pessoa era algo que não poderia ser determinado ou cerceado pelas possíveis conceitualizações dos pensadores, pois, ao mesmo tempo em que é um ser corporal é um ser espiritual, o que lhe garante a sua liberdade existencial.

Assim, por meio deste trabalho foi possível concluir que o personalismo mounieriano não é um mero sistema filosófico, mas um processo pelo qual o ser humano encontra o seu próprio Eu, descobre que não é só matéria, mas também é espírito, que, por sua vez, deve ser valorizada na mesma proporção que a primeira. E ainda, descobre a sua necessidade de conhecer e interagir com outros seres humanos, isto é, a pessoa humana descobre que precisa de uma comunidade humana para viver e se desenvolver, pois é nas relações interpessoais que o homem esquece um pouco de si para se abrir ao conhecimento do outro, que, por conseguinte, lhe leva a respeitar e valorizar o nós, no qual o Eu também já está incluso.

Não obstante, foi justamente esta reflexão de Mounier e a sua demonstração de amor pela pessoa humana que motivou a escolher, a pesquisar e apresentar a importância do seu pensamento personalista, pelo qual o homem é motivado para buscar uma maior compreensão da sua própria dignidade enquanto ser humano, e assim, contribuir para o aumento do respeito de si mesmo e à busca de condições sociais que favoreçam o seu crescimento e a sua valorização.

Deste modo, pode-se dizer também que o personalismo defendido por Mounier apresenta um novo olhar sobre a pessoa humana, o que levou á uma maior compreensão da importância da personalização para o seu crescimento enquanto indivíduo, que se apresenta , ao mesmo tempo, como particular e social.

Não obstante, é de suma importância salientar o compromisso de Mounier para a renovação ou atualização da vivência da fé cristã, principalmente da missão da Igreja Católica, a qual não possuía uma boa relação com a sociedade moderna, o que não favorecia o bom exercício de sua missão na promoção da pessoa e a transformação da sociedade. Além disso, foi possível compreender a importância da educação para o desenvolvimento do

homem enquanto realidade pessoal, individual e social, o que se constitui como um dos objetivos básicos da educação.

Por isso, compreende-se que os maiores contributos do personalismo para a sociedade atual foram a sua árdua reflexão sobre a dignidade da pessoa humana, sem esquecer a defesa da sua transcendentalidade, mas sem esquecer-se de sua corporeidade, pois a base para a reflexão da antropologia personalista mounieriana se remete propriamente ao mistério cristão da encarnação. Assim, pode-se dizer que este trabalho alcançou o seu principal objetivo: apresentar a importância do pensamento personalista de Emmanuel Mounier para uma maior compreensão da dignidade da pessoa humana.

Contudo, sabe-se que a contemporaneidade exige um aprofundamento ainda maior sobre o entendimento do conceito de personalização da pessoa humana, da sua importância para o universo social e como se pode ajudá-la no seu autoconhecimento, isto é, há necessidade de adquirirem-se argumentos e métodos para defender a dignidade e o direito da pessoa humana ajudando-a, assim, a não ceder aos apelos modernos para a sua despersonalização.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **A sabedoria da filosofia: problemas da nossa vida**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

_____. **Dicionário de filosofia**. Tradução de Alfredo Bossi; Ivone Castilho Benedetti. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ABREU, Verônica do Couto. **A contribuição do pensamento de Emmanuel Mounier para uma reflexão ético-cristã-personalista da pessoa na contemporaneidade**. 2008. 200f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2008. Disponível em: <<http://www.ppgcs.ufpa.br/arquivos/teses/teseTurma2005-VeronicaAbreu.pdf>>. Acesso em: 13 mar. 2015.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da Educação**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

CORDÓN, Juan Manuel Navarro; MARTÍNEZ, Tomas Calvo. **História da Filosofia: Filosofia contemporânea**. Tradução de Alberto Gomes. Lisboa: Edições 70, 1995, v. 3.

COSTA, Daniel da. **A emergência e a Insurgência da pessoa Humana na História: Ensaio sobre a construção do conceito de “Dignidade Humana” no personalismo de Emmanuel Mounier**. 2009. 771f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <[file:///C:/Users/wilson/Downloads/DANIEL_DA_COSTA%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/wilson/Downloads/DANIEL_DA_COSTA%20(1).pdf)>. Acesso em: 13 mar. 2015.

LALANDE, André. **Vocabulário técnico e crítico da filosofia**. Tradução de Fatima Sá Correia; Maria Emília V. Aguiar; José Eduardo Torres; Maria Gorete de Souza. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LORENZON, Alino. **Atualidade do pensamento de Emmanuel Mounier**. 2. ed. Ijuí (RS): Unijuí, 1996.

MOIX, Candide. **O pensamento de Emmanuel Mounier**. Tradução de Frei Marcelo L. Simões. O. P. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968, v. 10.

MONDIN, Battista. **O homem, quem é ele?** : elementos de antropologia filosófica. Tradução de R. Leal Ferreira; M. A. S. Ferrari. São Paulo: Paulus, 1980.

MORA, J. Ferrater. **Dicionário de Filosofia**. Tradução de Maria Stela Gonçalves; Adail U. Sobral; Marcos Bagno; Nicolas Nyimi Camanário. São Paulo: Edições Loyola, 2001, v. 3.

MOUNIER, Emmanuel. **O personalismo**. Tradução de João Bérnard da Costa. Lisboa: Martins Fontes, 1964.

NASCIMENTO, Claudemiro Godoy do. **A práxis Filosófica no pensamento de Emmanuel Mounier em tempos de globalização**. Goiânia, Fragmentos de Cultura, ano 17, jan. [2007]. Disponível em: <<file:///C:/Users/wilson/Downloads/264-899-1-PB.pdf>>. Acesso em: 13 mar. 2015.

NOGARE, Pedro Dalle. **Humanismos e Anti-humanismos: Introdução à antropologia filosófica**. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

RICHARD, Michel. **As grandes correntes do pensamento contemporâneo**. Tradução de José Saramago. Lisboa: Moraes Editores, 1978, v. 8.

SANTANA, Waldir Cavalcante. **O Pensamento Ético-Político de Emmanuel Mounier**. 2009. 122f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009. Disponível em : <<http://tede.biblioteca.ufpb.br:8080/bitstream/tede/5632/1/arquivototal.pdf>>. Acesso em: 15mar. 2015.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **A antropologia personalista de Emmanuel Mounier**. São Paulo: Saraiva, 1974.

SILVEIRA, Carlos Roberto da. **O humanismo personalista de Emmanuel Mounier e a repercussão no Brasil**. 2010. 231 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp137716.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

TEIXEIRA, Luiz Paulo. **Existência, comunicação e intimidade: a tríplice vocação ontológica da pessoa em Emmanuel Mounier**. 2003, 92f. Monografia - Seminário Diocesano Nossa Senhora das Dores, Campanha, 2003.

ZUCAL, Silvano (Org.). **Cristo na filosofia contemporânea**. In: DOSSI, Michele. *Emmanuel Mounier*. Tradução de Benôni Lemos; Patrizia G. E. Colina Bastianetto. São Paulo: Paulus, 2006. V. 2.